

## Detenção

Josef K. foi certamente vítima de alguma calúnia, pois, numa bela manhã, sem ter feito nada de mal, foi detido. A cozinheira da senhora Grubach, sua senhoria, não apareceu naquele dia, ela que lhe levava sempre o pequeno-almoço por volta das oito horas da manhã. Nunca tal acontecera. K. esperou ainda uns minutos, deitado na cama, observando da sua almofada a velha que vivia no prédio em frente e que o examinava com uma curiosidade que não lhe era nada habitual. Por fim, cheio de fome e de surpresa também, tocou a sineta. No mesmo momento, alguém bateu à porta e um homem que ele nunca antes vira naquela casa entrou no seu quarto. Esguio, ainda que bem constituído, o homem envergava um fato preto e justo, lembrando a indumentária que se usa em viagem, repleta de pregas e algibeiras, fivelas e botões, e um cinto ainda. Tudo aquilo lhe dava um aspeto muito prático, ainda que ninguém conhecesse a sua serventia.

— Quem é o senhor? — perguntou K., soerguendo-se de imediato na cama.

O homem ignorou, porém, a pergunta, como se a sua presença naquele lugar fosse mais do que natural, e limitou-se a indagar por sua vez:

— O senhor chamou?

— Estou à espera que Anna me traga o pequeno-almoço — disse K.

E pôs-se a observar o sujeito, estudando-o com atenção e em silêncio, tentando perceber de quem se trataria. O homem, no entanto, não se deixou ficar durante muito tempo exposto ao seu olhar.

Dirigiu-se para a porta, abriu uma nesga, e disse a alguém que se deveria encontrar mesmo atrás dela:

— Está à espera de que Anna lhe traga o pequeno-almoço.

Ouviram-se algumas gargalhadas na sala ao lado, pelo som não era impossível que estivessem várias pessoas a rir. Ainda que pelas gargalhadas o forasteiro não pudesse ter ficado mais bem informado do que já estaria antes, voltou-se, porém, para K. e comunicou-lhe em tom formal:

— É impossível.

— Pois seria uma grande novidade — exclamou K.

Deu um salto da cama e enfiou rapidamente as calças.

— Sempre quero ver quem é que está na sala ao lado e como é que a senhora Grubach vai explicar o incómodo que me foi causado.

No exato momento em que proferiu estas palavras, percebeu que não as devia ter deixado escapar em voz alta, já que, com isso, parecia reconhecer ao forasteiro um certo direito de vigilância sobre si. Naquele momento, porém, tal pensamento não lhe pareceu importante. O forasteiro, contudo, atribuindo precisamente esse sentido às suas palavras, perguntou:

— Não prefere ficar aqui?

— Nem prefiro ficar aqui nem quero que me dirija a palavra enquanto não me disser quem é.

— Tinha a melhor das intenções — contrapôs o forasteiro, ao mesmo tempo que lhe abria voluntariamente a porta.

À primeira vista, a sala contígua em que K. entrou — mais lentamente, é certo, do que desejava — parecia não se ter transformado em relação à noite anterior. Tratava-se da sala de estar da senhora Grubach. Talvez, naquele dia, houvesse um pouco mais de espaço naquela sala abarrotada de móveis, tapetes, louça e fotografias, se bem que não se desse logo pela diferença, tanto mais porque a principal alteração consistia na presença de um homem sentado ao lado da janela aberta com um livro na mão. O homem levantava os olhos do livro naquele momento:

— Devia ter ficado no seu quarto! Não foi isso que Franz lhe disse?

— Sim, mas, afinal, o que pretende o senhor? — replicou K.

O seu olhar alternava entre o novo forasteiro e o homem a quem fora dado o nome de Franz e que permanecia na umbreira da porta.

Através da janela aberta deu de novo com a velhota, que se acercara da janela que ficava diretamente em frente da sua, a fim de conseguir seguir o rumo dos acontecimentos com aquela curiosidade própria da sua idade.

— Quero falar com a senhora Grubach... — disse K., fazendo um gesto de libertação com a mão, como se quisesse desembaraçar-se dos dois homens, que se encontravam, contudo, a uma certa distância, e sair daquela sala.

— Não — disse o homem que estava junto à janela, ao mesmo tempo que atirava o livro para cima de uma mesinha e se levantava da cadeira. — O senhor não pode sair, o senhor está preso.

— É o que parece — observou K. — E porquê, pode-se saber? — perguntou ainda.

— Não estamos autorizados a dar-lhe essa informação. Vá para o seu quarto e aguarde. Foi-lhe instaurado um processo e, no momento próprio, será informado do resto. Já estou a ir para além das ordens recebidas ao falar consigo de modo tão cordial. Espero, porém, que ninguém nos oiça, a não ser Franz, que, aliás, indo contra todas as normas, tem sido também muito simpático consigo. Se continuar a ter tanta sorte como a que teve com a designação dos seus guardas, pode estar confiante num desfecho a seu favor.

K. quis sentar-se, contudo apercebeu-se naquele momento de que não havia mais nenhuma cadeira na sala para além daquela junto à janela.

— Vai ver como em breve nos dará razão — disse Franz.

Os dois homens aproximaram-se de K. Ao contrário de Franz, o segundo forasteiro era bastante mais alto do que K. e começou a dar-lhe palmadinhas no ombro. Puseram-se os dois a examinar a camisa de dormir de K., dizendo-lhe que teria de usar agora uma muito pior, mas que eles seriam os fiéis depositários não só daquela camisa, como também do resto da sua roupa, e que lha devolveriam um dia, caso o processo tivesse um desfecho favorável.

— É sempre melhor deixar as coisas connosco do que enviá-las para o armazém — disseram. — Não é raro haver roubos no armazém, para além de que todas as coisas acabam por ser vendidas passado um certo tempo, quer o processo já tenha terminado ou não. E sabe-se lá quanto tempo poderá tardar um processo como este,

especialmente nos dias de hoje! É claro que o armazém acabaria por dar-lhe o produto da venda, mas não se esqueça de que, por um lado, se trata sempre de montantes diminutos, já que o que é determinante na venda não é o valor da oferta mas sim o do suborno, e que, por outro lado, tal como nos diz a experiência, as coisas se vão desvalorizando imenso à medida que passam de mão em mão e de um ano para o outro.

K. pouco se importou com aquele conselho, o que o preocupava realmente não era o direito que talvez ainda possuísse de dispor sobre as suas próprias coisas, mas sim conseguir perceber o que se passava naquela casa. Porém, na presença daquelas pessoas, ele não conseguia pensar com clareza. O segundo guarda — pois não podiam ser outra coisa senão guardas — encostava repetidamente a barriga, quase de um modo amistoso, ao seu corpo, mas quando K. erguia o olhar, deparava com um rosto seco e ossudo, nada em sintonia com aquela figura corpulenta, em que se destacava um nariz grosso e torto, um rosto que parecia entender-se, por cima da sua cabeça, com o outro guarda. Que gente seria aquela, afinal? De que estariam a falar? A que serviço pertenceriam? K. vivia ainda num Estado de direito, a paz reinava em toda a parte, as leis estavam todas em vigor, quem se atrevia, portanto, a invadir a sua casa daquela maneira? K., por natureza, não se preocupava muito com as coisas, só acreditava em desgraças quando estas aconteciam e não tomava providências quanto ao futuro, mesmo quando todos os sinais eram de ameaça. Naquele caso, porém, não lhe pareceu que essa fosse a melhor atitude a adotar. É claro que tudo podia não passar de uma brincadeira, uma partida de mau gosto que alguém, por razões desconhecidas, lhe pregara, talvez os colegas do banco tivessem inventado tudo aquilo por ele fazer, naquele dia, trinta anos. É claro que tudo isso era possível, talvez lhe bastasse soltar uma gargalhada na cara dos guardas para que eles começassem também a rir, talvez não passassem de moços de recados ali da esquina, na realidade, até se pareciam com eles, em todo o caso, K. já decidira, desde que lançara o primeiro olhar ao guarda Franz, não largar mão da menor vantagem que dispusesse sobre aqueles dois homens. Havia um risco muito ligeiro de que mais tarde os colegas lhe dissessem que ele não tinha qualquer sentido de humor, apesar de se

recordar com clareza — ainda que não fizesse parte dos seus hábitos aprender com a experiência — de alguns casos sem grande importância em que, ao contrário dos amigos, agira com deliberada imprudência, sem se preocupar minimamente com eventuais consequências, tendo depois arcado com resultados menos agradáveis. Não estava disposto a que tal voltasse a acontecer, pelo menos daquela vez. Se se tratava de uma comédia, ele desempenharia o seu papel até ao fim.

Contudo, era ainda um homem livre.

— Com licença — disse.

Passou rapidamente entre os guardas e entrou no seu quarto.

— Parece ser um homem sensato — ouviu dizer nas suas costas.

Chegado ao quarto, a primeira coisa que fez foi abrir bruscamente as gavetas da secretária. Tudo se encontrava na mais perfeita ordem, porém, devido ao nervosismo em que fervilhava, não conseguiu dar com os documentos de identificação que buscava. Achou, por fim, a licença da bicicleta, e já se preparava para ir com ela ao encontro dos guardas, quando se apercebeu da insignificância de tal documento. Continuou, por isso, a busca até encontrar a certidão de nascimento. No momento em que voltava à sala contígua, a porta em frente abriu-se e a senhora Grubach fez menção de entrar. K. vislumbrou-a por um instante apenas, pois, mal o reconheceu, a senhora Grubach ficou visivelmente embaraçada, pediu desculpa e desapareceu, fechando a porta com extremo cuidado.

— Entre, por favor — conseguiu ainda K. dizer.

Ali estava ele, portanto, no meio do quarto, com os papéis na mão, de olhos ainda postos na porta que não se voltou a abrir, quando um grito dos guardas o fez voltar a si. Os dois desconhecidos haviam-se entretanto sentado à mesa, junto da janela aberta e, como K. pôde então constatar, devoravam o seu pequeno-almoço.

— Porque é que ela não entrou? — quis saber.

— Não tem autorização para isso — respondeu o guarda mais alto.

— Não se esqueça de que está detido.

— Mas como posso eu estar detido? E detido deste modo?

— Lá voltamos nós ao mesmo! — exclamou o guarda, molhando uma fatia de pão com manteiga no frasco do mel. — Não respondemos a perguntas desse género.